

Um bom começo de ano para a indústria gaúcha*

Clarisse Chiappini Castilhos**

Economista da FEE

No primeiro trimestre de 2008, a produção industrial brasileira manteve o comportamento favorável que vem sendo observado desde 2005. Conforme demonstrado na Tabela 1, a taxa acumulada dos três primeiros meses, em relação a jan.-mar./07, mostra um crescimento de 6,3%, e a taxa que acumula 12 meses até março de 2008, 6,6%, refletindo contribuições positivas de todas as categorias de uso. Deve-se observar, contudo, que essa boa *performance* foi menos expressiva nas comparações em nível mensal, que, embora majoritariamente positivas, mostram uma leve desaceleração do ritmo de crescimento da produção industrial ocorrida no mês de março de 2008, inclusive com a presença de algumas taxas negativas. A desaceleração foi particularmente sentida na comparação com o mesmo mês do ano anterior, pois a taxa mensal de março de 2008 atingiu apenas 1,3%, depois de ser de 8,7% em janeiro e 9,7% em fevereiro. Esses resultados também afetaram o comportamento das taxas acumuladas, que se mostraram menores em março do que nos meses anteriores: nos 12 meses até fevereiro de 2008, a produção física industrial cresceu 6,9% e, no acumulado jan.-fev./08, na comparação com 2007, 9,2%. Assim, a continuidade da trajetória positiva vai depender do comportamento das variáveis econômicas que influenciam o comportamento da produção industrial nos meses vindouros.

Algumas análises conjunturais já apontam uma desaceleração do consumo interno e enfatizam os prováveis efeitos negativos da elevação das importações sobre o arrefecimento da produção doméstica (Neumann; Grabois, 2008, p. A2). Outro aspecto que deve ser considerado nas expectativas de contração da demanda interna refere-se à elevação do preço dos alimentos (Bouças, 2008, p. A2). Contudo, dado o curto período de análise (apenas três meses de produção), considera-se precipitado falar em reversão de tendência.

Deve-se destacar que os setores de bens de consumo durável e de bens de capital continuam

liderando esse crescimento, conforme ocorreu em 2007. No acumulado jan.-mar./08, a indústria de bens de capital brasileira cresceu 17,1%, seguida pela indústria de bens de consumo durável (13,6%). Os piores resultados, mesmo que positivos, foram registrados pelas indústrias de bens intermediários (6,0 %) e de bens de consumo semiduráveis e não duráveis (1,2%). Nos resultados que acumulam 12 meses até março, em relação aos 12 meses imediatamente anteriores, a indústria de bens de capital apresentou os melhores resultados (19,9 %), seguida pela de bens de consumo duráveis (11,8%) —Tabela 1.

Os resultados setoriais (Ind. IBGE, 2008) mostram que, dentre os itens que compõem a indústria de bens de capital, o destaque coube a peças e equipamentos para agricultura, cuja expansão no curto prazo se deve ao bom desempenho do setor agrícola. Essa indústria vem-se expandindo, apostando em novos mercados, em face do aumento dos investimentos no agronegócio brasileiro, que vem crescendo aceleradamente, mudando a paisagem do País de norte a sul e reforçando a monocultura exportadora. No caso dos bens de consumo duráveis, o principal fator explicativo do seu crescimento foi a farta oferta de crédito ao consumidor, favorecida pela manutenção da taxa de juros em níveis um pouco inferiores aos dos anos anteriores.

O crescimento da indústria automobilística, por sua vez, repercute favoravelmente sobre as indústrias de autopeças, metalúrgica e de plástico, cujos resultados podem ser verificados na Tabela 2. Cabe lembrar, no entanto, que, atualmente, os rebatimentos da expansão da produção de automóveis sobre a indústria de autopeças brasileira são menores do que em períodos precedentes, tendo-se em vista a forte internacionalização dessa cadeia produtiva. Como decorrência desse processo, a maioria de seus fornecedores também pertence a grandes grupos internacionais, que, em muitos casos, não possuem unidades produtivas situadas no Brasil.

Conforme a análise de conjuntura do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) (Vigor..., 2008), as perspectivas para a indústria automobilística são positivas, ainda que o indicador da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos

* Artigo recebido em 07 maio 2008.

** E-mail: castilhos@fee.tche.br

Automotores (Anfavea) referente ao mês de março tenha anunciado queda na produção total de autoveículos com relação a fevereiro. Entretanto, se o resultado de março de 2008 for confrontado com o do mesmo mês de 2007, verifica-se uma alta de 13,4% da produção total de autoveículos. No acumulado jan.-mar./08, a produção total cresceu 19,9%, sendo que essa taxa havia sido de 4,2% em igual período do ano anterior (Vigor..., 2008), acumulando, assim, dois períodos de crescimento positivo.

Segundo a mesma interpretação, essa queda na taxa de março em relação à de fevereiro pode ser resultante da redução das exportações de autoveículos em consequência da crise internacional. De fato, no terceiro mês de 2008, foram exportados 62.484 autoveículos, o que representa uma desaceleração de 3,1% em relação a fevereiro, quando já se havia verificado uma taxa negativa de 20,1% em relação a janeiro (Vigor..., 2008).

No caso da indústria de semiduráveis e não duráveis, que obteve resultados bastante medíocres, os piores desempenhos couberam às indústrias de fumo e calçados. Os dados da Associação Comercial de São Paulo (ACSP), referentes ao Estado de São Paulo (Vigor..., 2008), deixam clara a fraca *performance* dessa categoria, uma vez que, em março, indicaram desacelera-

ção nas atividades do comércio varejista. Os resultados da Tabela 2 podem ilustrar os ramos com piores desempenhos dentro desse grupo: calçados e fumo, seguidos das indústrias de alimentos e farmacêutica. As taxas de crescimento negativas de fumo e calçados continuam sendo de responsabilidade do fraco desempenho exportador, cabendo ressaltar-se que um certo grau de estagnação da produção de alimentos pode estar relacionado ao aumento dos preços.

No contexto internacional, menos favorável do que em 2007, é bastante evidente que o desempenho da indústria de transformação brasileira dependerá sobremaneira da evolução das taxas de juros e de câmbio. Entretanto, ainda que a produção industrial possa arrefecer seu ritmo de crescimento, até o mês de março esses resultados continuaram favoráveis. Também a indústria gaúcha voltou a crescer, ultrapassando os resultados do País. Conforme se pode observar no Gráfico 1, que apresenta os resultados que acumulam 12 meses até março em relação aos 12 meses imediatamente anteriores, desde maio/07 as taxas de crescimento da indústria de transformação estadual ultrapassam as relativas ao Brasil. Também aparece no Gráfico 1 a desaceleração do crescimento no mês de março, tanto no Brasil quanto no RS, ainda que, para a indústria brasileira, essa mudança seja mais acentuada.

Tabela 1
Taxas da variação da produção física industrial, por categoria de uso, no Brasil — abr./07-mar./08 (%)

DISCRIMINAÇÃO	MAR/08 FEV/08	MAR/08 MAR/07	ACUMULADAS	
			Abr./07-mar./08 (1)	Jan.-mar./08 Jan.-mar./07
Bens de capital	0,9	12,7	19,9	17,1
Bens intermediários	-0,9	0,3	5,4	6,0
Bens de consumo	2,4	-0,8	5,3	4,1
Duráveis	1,7	6,5	11,8	13,6
Semiduráveis e não duráveis	2,8	-3,2	3,3	1,2
Indústria geral	0,4	1,3	6,6	6,3

FONTE: IBGE/Diretoria de Pesquisas/Coordenação de Indústria.
(1) Os dados têm como base os 12 meses anteriores = 100.

Tabela 2

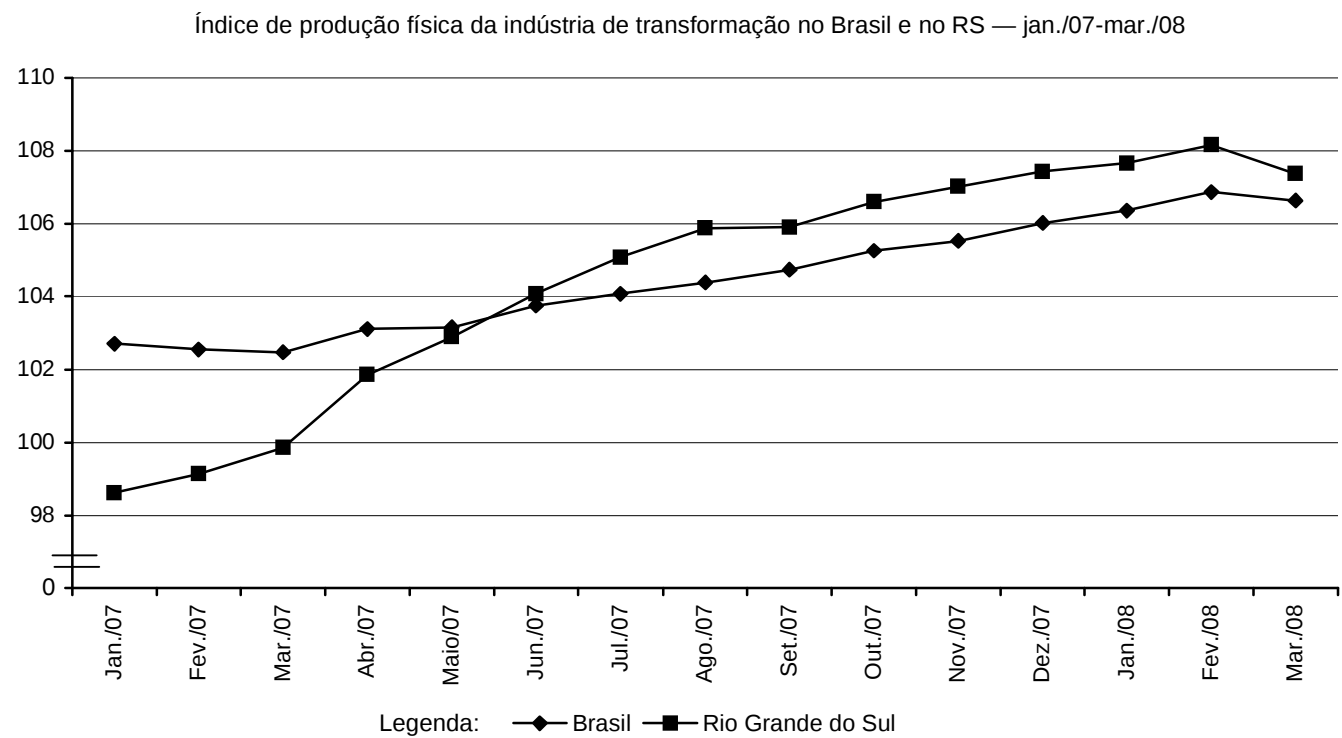
Índice da produção física industrial, seções e atividades, no Brasil e no RS — jan.-mar./08

SEÇÕES E ATIVIDADES	BRASIL			RIO GRANDE DO SUL		
	Jan./08	Fev./08	Mar./08	Jan./08	Fev./08	Mar./08
Indústria geral	106,34	106,84	106,60	107,66	108,16	107,37
Indústria extrativa	106,09	106,32	106,08	-	-	-
Indústria de transformação	106,36	106,87	106,63	107,66	108,16	107,37
Alimentos	102,47	102,56	102,06	103,37	103,75	103,67
Bebidas	104,95	104,94	103,92	103,39	102,29	100,42
Fumo	92,18	92,47	89,60	94,13	93,19	89,68
Têxtil	103,93	104,35	103,89	-	-	-
Vestuário e acessórios	106,41	107,02	107,47	-	-	-
Calçados e artigos de couro	98,62	99,10	99,54	92,97	94,10	95,98
Madeira	97,57	97,92	97,88	-	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	100,96	101,62	101,98	100,81	101,27	100,40
Edição, impressão e reprodução de gravações	99,66	100,22	100,59	102,05	101,64	99,71
Refino de petróleo e álcool	104,12	104,70	103,73	130,24	131,54	128,69
Produtos químicos	-	-	-	-	-	-
Farmacêutica	102,03	100,89	101,96	-	-	-
Perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza	104,70	104,37	102,34	-	-	-
Outros produtos químicos	106,45	106,87	106,94	100,30	100,09	99,48
Borracha e plástico	106,64	107,76	107,85	102,50	102,32	101,57
Minerais não-metálicos	106,16	106,34	106,07	-	-	-
Metalurgia básica	106,66	106,87	106,46	108,43	109,27	108,81
Produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos	106,79	107,26	106,99	103,93	104,57	105,25
Máquinas e equipamentos	117,06	117,74	116,83	134,52	135,56	135,57
Máquinas para escritório e equipamentos de informática	110,52	108,04	104,41	-	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	113,77	114,51	114,18	-	-	-
Material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações	100,18	101,84	103,80	-	-	-
Equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros	105,25	106,31	107,49	-	-	-
Veículos automotores	116,25	118,03	118,25	124,58	125,38	122,22
Outros equipamentos de transporte	114,70	117,03	117,68	-	-	-
Mobiliário	107,49	107,46	105,76	94,50	95,44	92,49
Diversos	97,99	97,83	97,39	-	-	-

FONTE: IBGE/SIDRA.

NOTA: Os índices têm como base os 12 meses anteriores = 100.

Gráfico 1



FONTE: IBGE/SIDRA.
NOTA: Os índices têm como base os 12 meses anteriores = 100.

Alguns resultados da indústria gaúcha de transformação

Conforme a Tabela 2, que apresenta o índice acumulado de 12 meses em relação aos 12 meses imediatamente anteriores, a recuperação da indústria gaúcha de transformação foi puxada pelos setores de refino de petróleo e álcool, máquinas e equipamentos e veículos automotores, que, no mês de março, alcançaram as taxas respectivas de 28,69%, 35,37% e 22,22%. Pode-se observar que a grande maioria dos gêneros que constam na Tabela 2 obteve resultados positivos, porém os citados, além de apresentarem as taxas mais elevadas, estão entre os mais significativos para indústria gaúcha. Por outro lado, calçados e artigos de couro (-4,02%), fumo (-10,32%) e mobiliário (-7,51%) continuaram apresentando taxas negativas.

Dada sua importância na economia gaúcha, é interessante serem detalhados um pouco mais os

resultados das indústrias de máquinas e equipamentos e da indústria de calçados e artigos de couro: o primeiro, pela sua contribuição à geração do Valor da Transformação Industrial (VTI) e pelos impactos a montante e a jusante na cadeia produtiva em que se insere; e o segundo, pela sua expressiva participação na mão-de-obra ocupada na indústria estadual e pela contribuição às exportações.

O segmento de tratores, máquinas e equipamentos agrícolas, inclusive peças e acessórios, no qual a presença do Estado é marcante no âmbito nacional, é estratégico para a economia gaúcha. Segundo a Anfavea, 46,2% da produção nacional de máquinas agrícolas automotrizes, em 2006, provinham do Estado (Vigor..., 2008). Assim sendo, mesmo que as informações disponíveis se refiram ao Brasil, estão espelhando o que ocorre no Rio Grande do Sul. A indústria de tratores, máquinas e equipamentos agrícolas, inclusive peças e acessórios registrou, no Brasil, um crescimento de 58,76% no primeiro bimestre de 2008, frente a igual período do ano anterior, o que pode ser considerado um resultado notável, só superado por outros dois subsectores (álcool e defensivos agrícolas). Esse comportamento se

confirma sob uma perspectiva de mais longo prazo: quando se confrontam os últimos 12 meses (abr./07-mar./08) com os últimos 12 meses imediatamente anteriores, observa-se um forte incremento dessa indústria, que assinala o melhor resultado entre todos os ramos industriais.

O bom momento do segmento de tratores, máquinas e implementos agrícolas está estreitamente vinculado à recuperação do agronegócio, beneficiado por uma safra recorde em 2007, por um cenário internacional mais favorável para as principais *commodities* (produtos agrícolas e minerais negociados em bolsas) e, como já foi referido, pelo lançamento de novos produtos.

Em contraposição à boa *performance* das indústrias de máquinas e equipamentos nacional e estadual, onde se sobressai o segmento direcionado para a agricultura, a produção de calçados e artigos de couro, em particular a do Rio Grande do Sul, vem acumulando taxas de crescimento negativas nos últimos anos. Tal resultado reflete as dificuldades que têm marcado o desempenho dessa indústria, duramente afetada pelo processo de valorização do real iniciado em 2004 e pelo avanço dos calçados asiáticos nos mercados internacionais, inclusive naqueles tradicionalmente ocupados pelo calçado brasileiro, e também no mercado interno, onde acabam competindo diretamente com o produto nacional na faixa de preço mais baixo (Campos, 2008).

O exame da evolução das taxas anualizadas (acumuladas em 12 meses) mostradas na Tabela 2, contudo, sinaliza uma alteração de trajetória. Desde março de 2007, e apenas com uma leve queda em julho e agosto, observa-se uma melhora no desempenho, embora as taxas ainda tenham continuado negativas até março de 2008. Esses resultados devem-se, em grande parte, ao aumento da demanda doméstica, beneficiada pela elevação do poder aquisitivo dos consumidores. Além da produção de calçados voltados para o segmento de consumo de massa, cresce a fabricação de calçados de couro e sintéticos femininos de moda, de qualidade e preço mais elevados, que concentram investimentos em estilo e *design*. As vendas externas de calçados também vêm apresentando expansão, em especial no primeiro trimestre de 2008, mas esse desempenho positivo está restrito aos valores exportados que cresceram em decorrência do aumento do preço médio de exportação dos calçados brasileiros e gaúcho.

Finalmente, devem-se ressaltar os bons resultados da indústria petroquímica do Estado, que, da mesma forma que no Brasil, vem atingindo altas taxas de crescimento. Nesse caso, verifica-se uma combinação de diversos elementos favoráveis. Sendo o petróleo uma

commodity, é evidente que seu desempenho é fortemente influenciado pelos preços e pela demanda internacional. Nesse caso, o apetite insaciável dos países asiáticos, em particular o da China, é o principal fator explicativo. Além disso, o aumento da capacidade produtiva de petróleo no Brasil, devido à entrada em operação de novos poços e à reestruturação e à expansão das refinarias e petroquímicas brasileiras, como ocorreu no Rio Grande do Sul, vem contribuindo decisivamente para os resultados favoráveis das indústrias petroquímicas brasileira e gaúcha.

Observações finais

O mercado internacional, que se manteve razoavelmente aquecido até o primeiro trimestre de 2008, foi um elemento importante para o crescimento das indústrias brasileira e gaúcha. Mais importante, porém, foi o desempenho do mercado interno, que vem reagindo favoravelmente à ampliação da oferta de crédito e ao controle da taxa de juros, o que estimula a venda de bens de consumo duráveis. O mercado de consumo de massa, por sua vez, manteve-se bastante ativo, graças à melhora do nível de emprego e do poder aquisitivo das camadas de rendas mais baixas, que possuem elevada propensão marginal a consumir. Em outras palavras, qualquer variação na renda dos trabalhadores repercute numa proporção muito grande sobre o consumo interno, tendo-se em vista o baixo poder aquisitivo da maioria da população brasileira.

No Rio Grande do Sul, algumas especificidades garantiram melhores resultados do que os alcançados pela indústria brasileira. Nesse particular, a atividade agrícola no período 2007/08, juntamente com a perspectiva de novos investimentos nesse setor, impulsionou o crescimento da produção de máquinas e implementos agrícolas. Outros fatores contribuíram para a expansão da indústria gaúcha, dentre esses, destacam-se a ampliação da demanda por produtos petroquímicos e a capacidade do complexo petroquímico do Estado em responder a esse aquecimento do mercado.

Por outro lado, a produção de bens tradicionais, em particular a indústria de calçados, continuou apresentando taxas negativas, ainda que se desenhem algumas perspectivas de retomada do crescimento a partir de uma estratégia de valorização da demanda doméstica e de lançamento de novos produtos.

Entretanto, alguns fatores podem comprometer a manutenção de taxas de crescimento industrial razoavel-

mente aquecidas: a desaceleração da economia estadunidense, com repercussões sobre as exportações brasileiras e gaúchas, e as decisões quanto às taxas de juros e de câmbio que serão praticadas em 2008. Ressalte-se que o aumento das importações industriais já apresentou efeitos de arrefecimento da produção industrial. Além disso, a continuidade da elevação do preço dos alimentos, com possíveis efeitos inflacionários, pode repercutir desfavoravelmente sobre o consumo doméstico, justamente um dos pilares de sustentação do crescimento industrial mais recente.

Referências

BOUÇAS, Cibelle. Preços agrícolas sobem no atacado e sinalizam que inflação dos alimentos deve ganhar fôlego. **Valor Econômico**, p. A-2, 12 mar. 2008.

CAMPOS, Sílvia Horst; CALANDRO, Maria Lucrécia. Bom desempenho da indústria gaúcha em 2007: expansão ou recuperação? **Indicadores Econômicos FEE**, v. 35, n. 4.

CAMPOS, Silvia Horst. Calçados em busca de nova inserção internacional. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, ano 17, n. 4, p. 1, abr. 2008.

NEUMANN, Denise; GRABOIS, Ana Paula. Descompasso maior entre consumo e produção afeta PIB do I trimestre. **Valor Econômico**, p. A-2, 12 mar. 2008.

INDICADORES IBGE: índices especiais de categoria de uso por atividade. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/>>. Acesso em: 24 abr. 2008.

VIGOR na indústria, mas desaceleração no comércio. **Carta do IEDI**, São Paulo, IEDI, 18 abr. 2008.